

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

### ENTRE RUÍNAS E ECOS: PERDAS E AUSÊNCIAS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Ricardo Augusto de Lima<sup>1</sup> (UEL)  
e Willian André<sup>2</sup> (Unespar)

Começamos a escrever esta apresentação no meio da pandemia de Covid-19. Começamos, assim, no plural: a quatro mãos. O dossiê que aqui se apresenta foi organizado durante a pandemia e diante do espetáculo que se tornou ir contra a ciência e informação no país. Começamos com isso por parecer essencial ao processo e essencial como contexto para a leitura destes textos. E começamos a quatro mãos, embora isolados e distantes, porque os vazios entre os corpos se ampliaram, viraram abismos.

Em *Ausencia*, Byung-Chul Han (2019: 17) mostra como a metafísica ocidental é marcada pela busca de algo fixo, de uma essência, valorizando verbos como habitar, ficar e possuir. O filósofo sul-coreano lembra como a essência (*Wesen*) deixou marcas significativas na filosofia da Antiguidade até pensadores como Heidegger e Leibniz. Tomando Ocidente e Oriente como as asas de um corpo, Han contrasta à ideia de algo fechado, que habita a si mesmo e para si, o indiferenciado, o aporético, vazio por ser destituído de desejo: o caminhante, que “se sustrae a toda fijación sustancial. En consecuencia la ‘no esencia’ está asociada al caminar, al no habitar”, e completa: “Solo quien se vacía en un nadie puede caminar” e prossegue:

Para la sensibilidad oriental ni la constancia del ser, ni la perduración de la esencia hacen a lo bello. No son ni elegantes ni bellas las cosas que persisten, subsisten o insisten. Bello no es lo que sobresale o se destaca, sino lo que se retrae o cede; bello no es lo fijo, sino lo flotante. Bellas son cosas que llevan las huellas de la nada, que contienen en sí los rastros de su fin, las cosas que no

---

<sup>1</sup> ricardodalai@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/6321052286204681>

<sup>2</sup> willianandreh@hotmail.com - <http://lattes.cnpq.br/0072121314701166>

son iguales a sí mismas. Bella no es la duración de un estado, sino la fugacidad de una transición. Bella no es la presencia total, sino un aquí que está recubierto de una ausencia. (Han 2019: 53)

Logo nas primeiras páginas de *Os famosos e os duendes da morte*, deitado na cama, o narrador olha para o teto e vê as marcas que sobraram das estrelas de papel fosforescente que diminuíam a escuridão de suas noites de infância. Fora seu pai quem as colocara ali. Chegadas as vergonhas da puberdade, ele arrancou as estrelas, e apenas muito tempo depois percebeu que ainda sobrara uma: “No espaço vazio sobraram apenas as marcas do que não existe mais”, mas “Nem tudo precisa estar para continuar existindo”: o pai se foi há algumas semanas: “Se pudéssemos sentir antes o que nos fará falta depois, a saudade seria opcional, antecipada ou, quem sabe, até mesmo evitável. É complicado dormir quando a última estrela olha para mim perguntando onde estão as outras. A última é a presença e a falta acontecendo ao mesmo tempo” (Caneppele 2014: 9).

Presença e ausência acontecendo ao mesmo tempo, tal como se dá com as ruínas. “Uma ruína é um objeto estético acidental”, diz o narrador de *Suicide*; “Se ela se torna bela, certamente não era a intenção”. Em um monólogo póstumo dirigido ao amigo que decidiu partir, ele continua: “A tendência de uma ruína é desmoronar em um monte de escombros. As partes mais bonitas continuam em pé, apesar do desgaste. A memória de você é o que persiste, seu corpo é o que desaparece” (Levé 2011: 15).

Todo exemplo é arbitrário, mas o fato é que inúmeros outros poderiam tomar o lugar dos dois acima, sem prejuízos. Em uma visada ampla, talvez não seja incorreto dizer que perda e ausência são dois motivos constantes e muito expressivos nas literaturas de todas as épocas e lugares. Este dossiê, todavia, deita foco sobre a produção contemporânea, e, deixando de lado possíveis discussões teóricas quanto aos sentidos que *contemporâneo* pode assumir, ficamos com a acepção mais óbvia, que é a da literatura produzida nas décadas mais recentes. A partir daí, parece-nos acertado afirmar: a literatura contemporânea é exemplar enquanto produtora de sentido e compreensão sobre as mais variadas formas de ausências e perdas.

Seja por meio da perda das próprias funções motoras que acompanha a escrita d’*Os Diários de Emilio Renzi* (Piglia, 2015-2017); da perda da filha n’*O pai da menina morta* (Ferro, 2018); da perda de um amigo n’*O céu dos suicidas* (Lísias, 2012); da perda de certa noção de “humanidade” em meio ao extermínio dos judeus a partir das lentes de um oficial nazista n’*As Benevolentes* (Littell, 2006); ou do amálgama entre a recuperação das perdas causadas por catástrofes em episódios históricos e outros muito particulares em *Diário da queda* e *A maçã envenenada* (Laub, 2011; 2013); ainda o trauma de um episódio catastrófico (o 11 de setembro) e até a perda da própria linguagem em *Extremamente alto & incrivelmente perto* (Foer, 2005); perda da inocência em *Na escuridão, amanhã* (Pereira, 2013); perda do próprio mundo como ele já foi um dia, no rastro pós-apocalíptico d’*A estrada* (McCarthy, 2006). Inventários tendem a ser reducionistas e aqui não é diferente, mas trata-se apenas de construir uma ideia geral: estéticas e temáticas diferentes dando o diapasão: para cada perda, uma ausência, e possibilidades diversas de se incitar exercícios de compreensão a res-

peito, realizando um movimento intrínseco à literatura, que é, ele próprio, marcado pelas oscilações entre o mostrar e o esconder: “un aquí que está recubierto de una ausencia” - ou, como diria Barthes (2003: 162), “ao mesmo tempo proposta insistente de sentido e sentido obstinadamente fugidio”.

Da miríade de exemplos possíveis, este dossiê reúne onze artigos que compõem amostra das mais adequadas para um aprofundamento no assunto em questão. O leitor encontrará aqui uma variedade de perspectivas teórico-críticas, direcionamentos temáticos e textos selecionados como *corpora* de análise.

Em “Espaços e travessias na construção da identidade”, Roseane Oliveira de Araújo Félix e João Batista Cardoso exploram, a partir do romance *Essa terra*, de Antônio Torres, as perdas e ausências que levam à migração, e também as perdas e ausências consequentes do processo migratório. Trata-se, conforme os autores, de perscrutar “a história do fracasso das personagens [nordestinas] em sua retirada para o sul e suas esperanças desenganadas ao fazerem contato com diferentes espaços”. Acompanhando a narrativa de Totonhim sobre os processos que culminam no suicídio de seu irmão, Nelo, o artigo propõe uma mirada topoanalítica para desvelar as relações entre o psicológico dos personagens e os espaços por eles habitados, permeados de ausências e perdas.

Da abordagem de cunho sociológico sobre os deslocamentos espaciais, passamos, em “A ausência como sentido para o amor em ‘Uma estrangeira de nossa rua’, de Milton Hatoum”, a uma reflexão sobre o amor a partir da ideia de ausência, principalmente com base em Bruckner. Nesse artigo, Rafael Magno de Paula Costa analisa o referido conto de Hatoum, publicado em 2009, enveredando-se por discussões sobre a construção da masculinidade do narrador adolescente, marcado pela inexperiência, e seu amor – nutrido à distância – por uma vizinha sua. A noção de ausência, aqui, se configura a partir da intangibilidade do objeto amado, que ao mesmo tempo alimenta e intensifica o sentimento amoroso do personagem: “Essa ausência, portanto, cria o sentido de amor para ele”, como explica o autor.

Seguindo com o artigo “Entre perdas e repetições: o realismo traumático em *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera”, Nelson Eliezer Ferreira Júnior também toca na questão de “uma masculinidade em estado de tensão”. Partindo da categoria de “realismo traumático”, o autor visita o quarto romance de Galera, publicado em 2012, para evidenciar “um progressivo desapego às coisas e às pessoas no processo de construção do protagonista”. É profícuo para a reflexão proposta o inventário de perdas que carrega o personagem: do pai, que cometeu suicídio; dos familiares, dos quais ele se distancia progressivamente; do avô, que conheceu apenas por relatos de terceiros, e com quem estabelece um vínculo alarmante; e até mesmo “a perda das expressões e do reconhecimento”, devido a um problema neurológico que parece metaforizar sua dificuldade de criar vínculos. Todas essas perdas são analisadas no artigo a partir da ideia da repetição traumática – um processo parcialmente aliviado apenas pela presença da cadela Beta.

Outra configuração das relações de sentido entre perda e morte pode ser vislumbrada em “Reflexões sobre a velhice e a morte em *As intermitências da morte*, de José Saramago”, de Carolina de Aquino Gomes e Ana Marcia Alves Siqueira. Trata-se, aqui, de pensar a ausência da própria morte, e seus impactos em âmbito social. Analisando a primeira parte da narrativa publicada por Saramago em 2005, com base em teóricos como Bauman e Elias, as autoras evidenciam o “caos existencial e sanitário causado pela greve da morte”, culminando em uma “perda da sensibilidade do homem contemporâneo em sua relação com o outro”. Em segunda instância, refletem detidamente sobre a condição dos idosos, que padecem de uma espécie de morte-em-vida abarrotados nos asilos, “cemitérios de vivos”. Impossível, a partir desse texto, não estabelecer uma relação com nosso contexto mais imediato: se, por um lado, estamos vivendo o extremo oposto de uma “greve da morte” com a Covid-19 – próxima da marca dos 2 milhões de mortos em nível global –, por outro, os números exorbitantes parecem provocar a mesma ideia de banalização, distanciamento e perda de sensibilidade de que nos informam Gomes e Siqueira em seu estudo.

Em “Condolências e ressentimentos de João Cabral ‘Na morte de Joaquim Cardozo’”, Everton Barbosa Correia discorre sobre como Joaquim Cardozo se apresenta como limite na obra poética de João Cabral de Melo Neto, com quem estendeu um diálogo poético ao longo de quatro décadas. Nomeando Cardozo em poemas e dedicando a ele obras, João Cabral parece conferir às suas produções certa historicidade que, para o articulista, indica a memória a ser remontada. Entre as análises apresentadas, destaca-se a da composição “Na morte de Joaquim Cardozo”, que ilustra o ressentimento do poeta pernambucano, “menos pela perda afetiva do que pela contribuição que devia ter se consumado como uma referência literária e não vingou”. Assim, evidencia-se as influências de um autor sobre o outro.

Se no último texto se pensou a poesia como espaço de refeitura da memória, em “A antielegia ou a perda do sentido do futuro”, Almir Aquino Corrêa pensa a poesia como espaço de consolação. Sua pergunta inicial mostra o choque entre uma forma poética marcada por ritos de vários níveis e de poesia cerimonial com uma modernidade marcada pela enormidade da morte. Nas palavras do autor, “é muito difícil uma atitude elegíaca na tradição consolatória clássica, pois o futuro se torna, cada vez mais, assombroso e apocalíptico, no sentido da destruição de tudo, inibindo desde sempre a noção de transcendência e de imortalidade”. Tal afirmação é intensificada em contextos como o atual, caracterizado por guerras, genocídios, ataques terroristas e epidemias, fazendo prevalecer, assim, uma noção de perda irreparável que contrasta com a perda como salvação. Pensar, pois, uma antielegia é concentrar-se no lamento da perda enquanto atitude, de ver o texto, tal qual Gilgamesh, como uma forma de resistência à morte e à tarefa de luto. Trata-se de pensar o caráter antielegíaco vinculado a uma atitude melancólica e, paradoxalmente, a sua formulação enquanto objeto estético decorrente de uma impossibilidade de consolo.

Vanessa Massoni da Rocha, em “‘O Haiti (não) é aqui’: silêncios, regateios e estilhaços nos diálogos Haiti-Brasil”, analisa perdas e silêncios na relação entre os dois países, tão similares em história colonial e tão distantes nas relações culturais. A ar-

ticulista vai além dos pré-conceitos que um país tem sobre o outro para propor uma trajetória cruzada, focando na tradução de obras literárias haitianas em solo brasileiro. Para tanto, Rocha se debruça sobre a obra *Estilhaços*, antologia de poesia haitiana contemporânea que reúne cinco poetas e seis décadas e que “pode ser interpretada como novo capítulo desta história repleta de lacunas e mal-entendidos”.

A questão pós-colonial também é abordada por Alexandre Henrique Silveira e Bernardo Nascimento de Amorim em “Ruanda, país de lágrimas: reflexões sobre perda, memória e narrativa em *Baratas*, de Scholastique Mukasonga”. A perda, aqui, assume-se como componente central da obra autobiográfica marcada pelo processo de colonização e que busca reconstruir uma memória ruandesa. Dialogando com Jeanne Marie Gagnebin, Richard Oko Ajah e Márcio Seligmann-Silva, dentre outros, os articulistas leem o texto de Mukasonga como uma narrativa da memória e do trauma, que acaba por denunciar determinadas condições que culminaram em “um trauma estrutural, sofrido pelos tutsis ao longo de décadas de violência e segregação até o genocídio de 1994”. tal movimento de rememorar agiria, por meio da escrita, como forma de lutar: contra o esquecimento, contra a repetição da barbárie e a favor da humanização por meio da arte.

Maurice Blanchot postula dois tipos de solidão: a solidão do mundo e a solidão essencial. A partir dos conceitos blanchotianos, George Lima e Marisa Martins Gama-Khalil analisam a solidão “configurada por meio de vazios e ausências, de dizibilidades e indizibilidades” no conto “O afogado mais bonito do mundo”, de Gabriel García Márquez. Para os autores, “o corpo solitário e insólito do afogado convida seu leitor a visitar e descortinar a experiência da solidão”. Pode-se dizer que se trata de um corpo a um só tempo ausente e presente que incita fascinação e estranhamento e que instaura a possibilidade de “uma experiência insólita na qual é permitida a improbabilidade de percepção da visibilidade do vazio”.

A presença-ausência na representação da morte também direciona a leitura de Daniela Maria Segabinazi e Jaine Sousa Barbosa da obra infantil *Harvey, como me tornei invisível*, de Hervé Bouchard e Janice Nadeau. Os articulistas analisam como a morte é representada em uma obra direcionada ao pequeno público, geralmente “despreparado” para temas tabus como a morte, e de “como as imagens atuam tanto na construção dos significados dos textos quanto nos desdobramentos de seus sentidos”. Para tanto, um diálogo teórico é mantido não apenas com nomes conhecidos dentro da temática, como é o caso de Philippe Ariès, mas também com discussões próprias do universo infantojuvenil, como Fanny Abramovich e Vera Teixeira Aguiar, além de Nelly Novaes Coelho e Peter Hunt.

Por fim, no ensaio “Luto infantil e o processo de ressignificação da vida: a trajetória de Maria em *Corda bamba*, de Lygia Bojunga”, Carmina Monteiro Ribeiro e Milena Ribeiro Martins focam no surgimento do luto em uma menina de dez anos, que, após perder os pais, acaba por perder, também, suas memórias. Ao reconstruir, em uma espécie de trajetória do herói, as memórias que envolvem seus pais, Maria revive o passado, permitindo que a menina possa “elaborar sua perda e ressignificar sua existência, criando novas conexões com suas lembranças, seus entes perdidos e pas-

sando a lidar melhor com sua nova situação”. Trata-se de uma nova condição e reorganização de uma vida que dava sinais de esquecimento, possibilitando a construção de sua identidade em um mundo sem seus pais.

Como uma escrita em braille, os artigos que aqui se apresentam são construídos de presenças e vazios, como o pequeno personagem insólito de Kafka. O pequeno Odradek, de “Preocupações de um pai de família”, é composto de partes distintas entre si que dão ao ser uma não função, um caráter extremamente movediço, híbrido, que burla a norma da unidade da essência. É justamente esse estranhamento que o Odradek causa que se pergunta - “Será que pode morrer?” (Kafka 1999: 34):

es tan pequeño que crea la impresión de una ausencia. “Es tan pequeño” que escapa a todo intento de asirlo. Es “muy movedizo y no se deja atrapar”. Carece de toda solidez de la esencia. Su movilidad extrema se opone a la constancia de la esencia. Parece ausente porque a menudo se retira al silencio. En ocasiones ríe. Pero su risa suena curiosamente sin cuerpo y vacía. Refuerza la impresión de ausencia [...]. (Han 2019: 35)

Nome sem nome, corpo sem corpo, não ocupa nenhum lugar, não habita nenhuma parte. É esse in-habitar que intranquiliza o pai de família, estranhamento que, para Byung-Chul Han, é devido a sua ausência. Para Noemi Jaffe, Odradek evidencia como somos prisioneiros do hábito, prisioneiros da repetição, prisioneiros pela busca de uma essência, de algo fixo, lugar habitual em que habitamos.

Entendemos que debruçar-se sobre vazios e ausências é também debruçar-se sobre nossos abismos internos, os espaços entre os eus que somos, ecoando a máxima de Rimbaud: *Je est un autre*, que quebra com a proposição de identidade a partir de uma essência, inferindo uma ausência essencial do/no ser. Como recorda Byung-Chul Han, somos definidos também pelas faltas.

Paradoxalmente, escolhemos concluir a apresentação deste dossiê agradecendo especialmente aos que se fizeram presentes, sejam aqueles que aqui se apresentam autoras e autores, pela submissão de textos singulares e instigadores; sejam aqueles que responderam positivamente ao convite nosso para ler e avaliar esses materiais, pela disponibilidade em ano tão horrível. Entre videochamadas e adequações dentro e fora do meio digital, apresentarmos um dossiê tão fastuoso é sinal da força da Educação e da Literatura em uma época tão áspera para nossas áreas.

Que 2021 seja mais gentil com todos nós.

Boa leitura.

## OBRAS CITADAS

BARTHES, Roland. O que é a crítica. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 3ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 157-163.

CANEPPELE, Ismael. *Os famosos e os duendes da morte*. 2ª. ed. São Paulo: Iluminuras, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Ausencia*. Acerca de la cultura y la filosofía del Lejano Oriente. Trad. Graciela Calderón. Buenos Aires: Caja Negra, 2019.

KAFKA, Franz. Preocupações de um pai de família. *Um médico rural*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JAFFE, Noemi. 5 contos existenciais: “As preocupações de um pai de família”, de Franz Kafka. *Youtube*, 15 maio 2015. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=rjHNSuUx\\_gU](https://www.youtube.com/watch?v=rjHNSuUx_gU).

LEVÉ, Edouard. *Suicide*. Trad. Jan Steyn. London: Dalkey Archive, 2011.